

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 10 | Número 2 | Julho – Dezembro 2016
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**PROSPECÇÕES INTENSIVAS NO NORDESTE PAULISTA
A ONIPRESENÇA DAS FAZENDAS DE CAFÉ NA PAISAGEM**

**INTENSIVE SURVEY IN THE NORTHEAST OF SÃO PAULO
THE OMNIPRESENCE OF THE COFFEE PLANTATIONS IN THE LANDSCAPE**

Cássia Bars Hering

Alexandre Hering

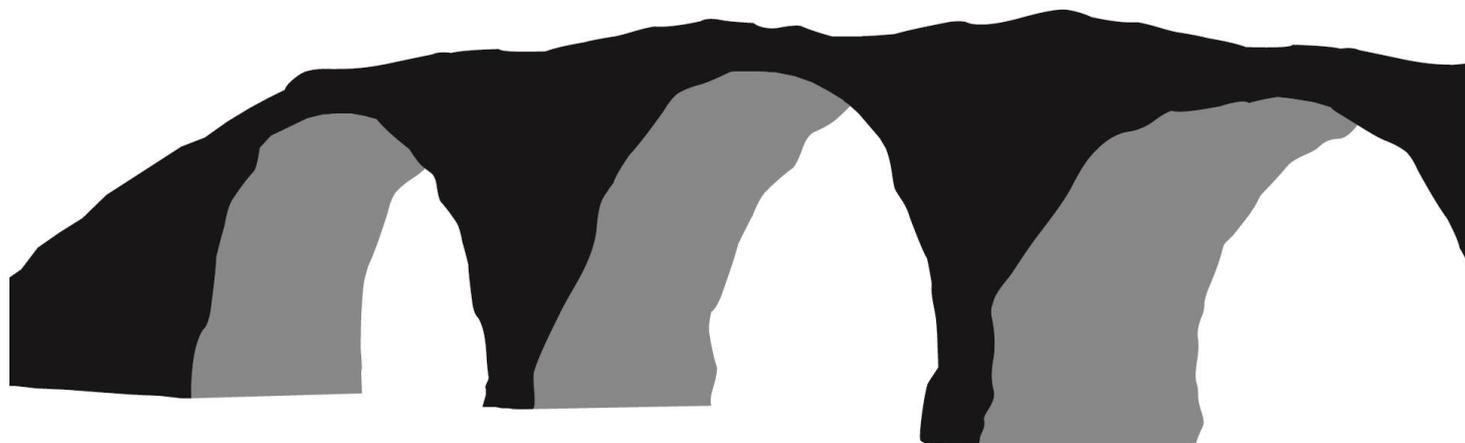
José M. Zem

Thiago B. Trindade

Fabio G. Almeida

Vinicius Melquiades

Guilherme Z. Mongeló



Data de recebimento: 13/10/2015.

Data de aceite: 30/03/2016.

PROSPECÇÕES INTENSIVAS NO NORDESTE PAULISTA
A ONIPRESENÇA DAS FAZENDAS DE CAFÉ NA PAISAGEM

INTENSIVE SURVEY IN THE NORTHEAST OF SÃO PAULO
THE OMNIPRESENCE OF THE COFFEE PLANTATIONS IN THE LANDSCAPE

Cássia Bars Hering¹

Alexandre Hering²

José M. Zem³

Thiago B. Trindade⁴

Fabio G. Almeida⁵

Vinicius Melquiades⁶

Guilherme Z. Mongeló⁷

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados obtidos por meio de ações prospectivas intensivas, ocorridas no nordeste paulista entre maio e junho de 2011. O raio de cobertura das ações foi de 206 km, percorrendo doze municípios. Apesar de a área ser reconhecidamente rica em remanescentes materiais pré-coloniais, a abertura de mais de 4.103 poços-teste e as ações de caminhamento sistemático indicaram uma inesperada ausência deste tipo de vestígio. Entretanto, a pesquisa identificou, ao longo das áreas prospectadas, dezessete sítios históricos; fazendas, vilas de trabalhadores e estações ferroviárias, todas intimamente ligadas ao ciclo do café paulista (séculos XIX e primeira metade do século XX).

Palavras-chave: arqueologia histórica, arqueologia preventiva, ciclo do café paulista, edificações rurais do século XIX e XX, malha ferroviária do interior paulista.

¹ Doutora em arqueologia pelo Museu da Arqueologia da Universidade de São Paulo. cassiabars@usp.br.

² Cientista social pela Faculdade de Ciências Letras e Filosofia da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). alexandre.hering@gmail.com.

³ Mestre em meio ambiente pela Universidade Federal do Paraná. zemjm@hotmail.com.

⁴ Mestre em arqueologia pelo Museu da Arqueologia da Universidade de São Paulo. thiago.trindade@gmail.com.

⁵ Mestre em arqueologia pelo Museu da Arqueologia da Universidade de São Paulo. fabioguaraldoalmeida@gmail.com.

⁶ Mestre em arqueologia pelo Museu da Arqueologia da Universidade de São Paulo. melquiadesvinicius@gmail.com.

⁷ Mestre em arqueologia pelo Museu da Arqueologia da Universidade de São Paulo. guilhermemongelo@gmail.com.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar los resultados obtenidos a través de acciones de prospección intensiva que se han producido en el noreste de la provincia de São Paulo entre mayo y junio de 2011. El área de cobertura de las acciones fue de 206 km, que abarcan doce municipios. Aunque esta zona sea reconocidamente rica por los vestigios materiales del periodo pre-colonial, las acciones de prospección sistemática a pie han demostrado una inesperada ausencia de este tipo de huella. Sin embargo, la investigación ha identificado, a lo largo de las zonas prospectadas, diecisiete sitios históricos, haciendas, pequeñas villas de trabajadores, estaciones de ferrocarril, todo esto estrechamente relacionado con el Ciclo del Café (siglos XIX y XX).

Palabras clave: arqueología histórica, arqueología preventiva, ciclo del café, edificaciones rurales de los siglos XIX y XX, rede ferrocarril del interior de la provincia de São Paulo.

ABSTRACT

This article intends to present the results of the intensive archaeological surveys that took place in the northeastern region of São Paulo, between May and June 2011. The actions covered an area of 206 km. Although the region is known for its archaeological potential, there was an unexpected absence of pre-colonial remains in the 4.103 test pits excavated and in the systematically surveyed areas. However, the research identified seventeen historical sites, which included farms, smaller settlements of workers and train stations, all closely related to the XIX and XX centuries coffee plantations in the state of São Paulo.

Keywords: historical archaeology, public archaeology, coffee plantations in São Paulo, rural edifications of the XIX and XX centuries, railroad lines in the countryside of the State of São Paulo.

Entre maio e junho de 2011, duas equipes compostas por oito arqueólogos realizaram ações prospectivas sistemáticas interventivas e não interventivas, em uma área de 206 km de extensão localizada a norte e a nordeste da capital paulista. O projeto possuía cunho preventivo, e buscava compreender o contexto arqueológico local de modo amplo. As ações da pesquisa percorreram os municípios de Ribeirão Preto, Cravinhos, São Simão, Santa Rita do Passa Quatro, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, Araras, Engenheiro Coelho, Artur Nogueira, Cosmópolis e Paulínia, no Estado de São Paulo. Em geral, a região estudada, como um todo, situa-se na abrangência das áreas das subbacias hidrográficas do Rio Pardo, Mogi-Guaçu e Piracicaba/ Capivari/ Jundiá, estando inserida em diferentes compartimentos topomorfológicos⁸.

A área alvo das ações preventivas seguiu as demandas de um empreendimento que propunha ações de intervenção lineares⁹. Sendo assim, a estratégia de pesquisa propôs a escavação de poços-teste, a cada 100 m, em duas linhas paralelas, sendo que cada equipe distou 50 m da outra. A disposição seguiu, portanto, um sistema alternado, em forma de “zigue-zague”. Cada poço-teste foi aberto em dimensões de 0,5 m X 0,5 m, com profundidade média de 140 cm. Todo o material oriundo da escavação foi cuidadosamente verificado, em níveis artificiais de 10 cm, por meio da técnica do peneiramento. Dentro desta mesma malha traçada para as ações sistemáticas, foi ao mesmo tempo também aplicado o procedimento de prospecções sistemáticas não interventivas.

As ações em campo foram capazes de identificar dezessete sítios históricos, cujas características principais serão expostas neste artigo. De qualquer modo, é importante destacar que, apesar do rigor dos procedimentos aplicados para a identificação de sítios e o registro de possíveis ocorrências ou “achados fortuitos”, não foram localizados, nem pelas ações de intervenção no solo, tampouco pelas não interventivas, vestígios de caráter pré-colonial¹⁰. Este é um fato interessante, pois a área, como um todo, apresenta grande potencial, tendo sido palco de importantes pesquisas para a arqueologia brasileira. Na região de Rio Claro (bacia do rio Piracicaba), destaca-se, por exemplo, o reconhecido sítio arqueológico Alice Boer, alvo de pesquisas desde a década de 1960. Na época, esperava-se que o sítio fosse um dos mais antigos do Brasil (datado entre 14.200 a 1150 a.p.)¹¹ (Prous, 1992: 133-137; Galhardo, 2010: 27). O grande número de ocorrências na região de Rio Claro, somado às características de seu relevo (inserido dentro da Depressão Periférica), formava um verdadeiro “corredor natural” propício para o deslocamento das populações

⁸ A região da Bacia dos Rios Capivari/ Jundiá e Piracicaba situa-se na Província Geomorfológica do Planalto Atlântico, caracterizada por suas terras altas, constituídas predominantemente de rochas de embasamento cristalino. Seus sistemas de relevo compreendem planícies aluviais e pequenas colinas. Já as bacias do Rio Mogi-Guaçu e do Rio Pardo situam-se em quatro grandes províncias geomorfológicas: Planalto Atlântico; Depressão Periférica; Cuestas Basálticas e Planalto Ocidental. O Planalto Atlântico é uma região de terras altas, constituídas predominantemente por rochas de embasamento cristalino. Faz fronteira com a Depressão Periférica, que apresenta relevo uniforme com amplos vales, planícies aluviais e alguns terraços. A província geomorfológica Cuestas Basálticas possui relevo formado por chapadões, em geral com altitudes entre 400 e 800m. O Planalto Ocidental, por sua vez, apresenta pequena expressão na bacia, apresentando grande uniformidade de relevo de baixas e amplas colinas (CBH Mogi, 1999, p. 19; Beduschi & Moretto, 2011).

⁹ Instalação de dutos para escoamento de álcool e derivados. Ver Bars Hering *et al.*, 2011.

¹⁰ Concordamos que a definição de “sítio arqueológico” pode variar de acordo com o período e a área estudada, bem como com a proposta teórico-metodológica adotada por cada pesquisador (Schiffer *et al.*, 1978; Anderson, 1990; Sullivan *et al.*, 2007). Para fins de normatização, entretanto, foi tido que uma área seria considerada como sítio arqueológico sendo constatada a presença de material de volume considerável, de mesmo “tipo” (tipologia/ tradição/ filiação cultural/ cronologia relativa, etc.) e disperso espacialmente de modo a indicar ações antrópicas pretéritas (Bars Hering *et al.*, 2011: 143). Araújo (2001a), por sua vez, estabeleceu que a presença de um sítio arqueológico seria constatada caso fossem encontrados três ou mais artefatos com distanciamento máximo de 10 m entre si. Além deste fator, nossas diretrizes estabeleceram que deveriam ser também levados em consideração indicadores como a análise do solo (a presença de amostras de carvão, cinzas, ossos, conchas, ou quaisquer sedimentos ou ecofatos que demonstrem que o contexto caracteriza um solo antrópico) (Bars Hering *et al.*, 2011: 143-144).

¹¹ Hoje, entretanto, não há ainda um consenso para a aceitação destas datas (Prous, 1992; Galhardo, 2010: 27).

pretéritas; um eixo de fluxo facilitado pela presença do rio Piracicaba (Araújo, 2001b: 128; Galhardo, 2010: 28)¹².

As áreas das bacias dos rios Mogi-Guaçu e Pardo também foram palco de importantes investigações. Em 1970, na região de Ribeirão Preto, Nather Jr. Identificou diversos sítios arqueológicos que vieram mais tarde a contribuir para o projeto “Pré-História do Nordeste do Estado de São Paulo: Um Estudo de Ecologia Humana”, sob a coordenação de Caldarelli e Neves (Galhardo, 2010: 24). Não pode deixar de ser citado também o trabalho de Tom Miller Jr., que estabeleceu, com base nos conceitos da época, as tradições líticas Ipeúna e Rio Claro (Miller Jr., 2001). É importante também lembrar que, somente na região do município de São Simão, estão registrados 26 sítios arqueológicos no cadastro nacional (CNSA/ IPHAN), sendo a maioria deles caracterizada por apresentar vestígios líticos a céu aberto¹³. Também há, no mesmo município, a presença de um pequeno museu local, que guarda uma coleção considerável de vestígios pré-coloniais, entre matérias líticas e cerâmicos encontrados nas proximidades¹⁴. Vale também destacar a tese de doutoramento de Schiavetto (2007), a qual realizou prospecções na bacia do Mogi-Guaçu, e encontrou diversos sítios relacionados a ocupações ceramistas agricultoras, alguns deles relativos à tradição Tupiguarani (os outros foram classificados como relativos à tradição Aratu, “mesclados”, ou não puderam ser identificados) (Schiavetto, 2007).

É intrigante, portanto, o fato de não terem sido encontrados, por este trabalho, vestígios associados a ocupações pré coloniais. É necessário notar, de qualquer modo, que a maior porção do território prospectado encontra-se hoje tomada por plantações de cana-de-açúcar, cujo arado, de grandes proporções, é potencialmente lesivo, e pode ter não somente perturbado contextos arqueológicos, como os destruído, talvez totalmente¹⁵.

Como comentado, entretanto, apesar da ausência de vestígios de épocas pré-coloniais, por meio das ações prospectivas (observação de vestígios e estruturas em superfície), e também com o auxílio de informações orais obtidas em entrevistas informais com os moradores locais, foram localizados dezessete sítios históricos, importantes testemunhos das transformações ligadas ao ciclo do café paulista na paisagem interiorana (tabela 1 e figura 1).

¹² Segundo Altenferder (1967), os sítios cerâmicos geralmente se diferenciavam dos líticos da área por se localizarem em ambientes voltados à habitação, próximos aos centros urbanos já presentes. Já o contexto dos sítios líticos reforçava a ideia de que a região era por eles utilizada como uma área de “passagem” (Galhardo, 2010: 28).

¹³ Resultados obtidos por meio de pesquisas nos registros do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/ IPHAN) em Maio de 2016.

¹⁴ O Museu de São Simão possui um acervo de material arqueológico pré-colonial referente a escavações realizadas pelo Dr. Walter Neves na região, além de material histórico relativo à Revolução de 1932, à imigração italiana e alemã no município, bem como materiais relacionados à ferrovia, utensílios domésticos (ferro de passar roupa, cama, etc.), material construtivo (tijolos, telhas), transporte público (placas de ruas) e de objetos antigos de telecomunicação e escrita. Em 2013, a empresa Arqueologica realizou uma reforma em uma das salas do museu, promovendo uma reestruturação da exposição do acervo arqueológico do mesmo, bem como ações de reorganização deste acervo e ações educativas (Bars Hering *et al.*, 2013).

¹⁵ A extensiva atividade de maquinário pesado, com perfuração média de 1m para o plantio de cana-de-açúcar, se estendia por mais de dois terços da área onde foram realizadas as prospecções.

Tabela 1: Sítios Históricos Encontrados Durante os Trabalhos de Prospecção¹⁶.

Nome	Município	UTM Central
Sítio Araras	Araras	23k 0263663 7537891
Estação Ferroviária Desativada “Elihu Root”	Araras	23k 0260059 7531453
Fazenda São João da Água Branca	Cravinhos	23 K 217629 7634740
Fazenda Tibiriçá	Cravinhos	23 K 219473 7633682
Fazenda Cabeceira do Taquari	Leme	23 k 256639 7555183
Fazenda Guarantã	Leme	23k 0258914 7548969
Fazenda Queiroz do Terreirinho	Pirassununga	23 K 256053 7556997
Fazenda do Roque	Pirassununga	23 K 255698 7558235
Fazenda Usina São Pedro	Pirassununga	23 K 253395 7561607
Vila Santo Antônio/Fazenda Guadalupe	Pirassununga	23 K 255834 7561109
Fazenda Santa Albertina	Santa Rita do Passa Quatro	23 K 239332 7599767
Fazenda Cascata	Santa Rita do Passa Quatro	23 K 240438 7596047
São João da Senzala	Santa Rita do Passa Quatro	23 K 237669 7602362
Fazenda São Vicente	Santa Rita do Passa Quatro	23 K 242076 7591718
Fazenda Cachoerinha	Santa Rita do Passa Quatro	23 K 237315 7601351
Fazenda Santa Olímpia	São Simão	23 K 223358 7625298
Sítio Colônia Fazenda Brasil	Sertãozinho	23 K 197130 7657200

¹⁶ Todas as coordenadas colocadas neste trabalho estão referenciadas pelo DATUM WGS84.

PROSPECÇÕES INTENSIVAS NO NORDESTE PAULISTA
A ONIPRESENÇA DAS FAZENDAS DE CAFÉ NA PAISAGEM

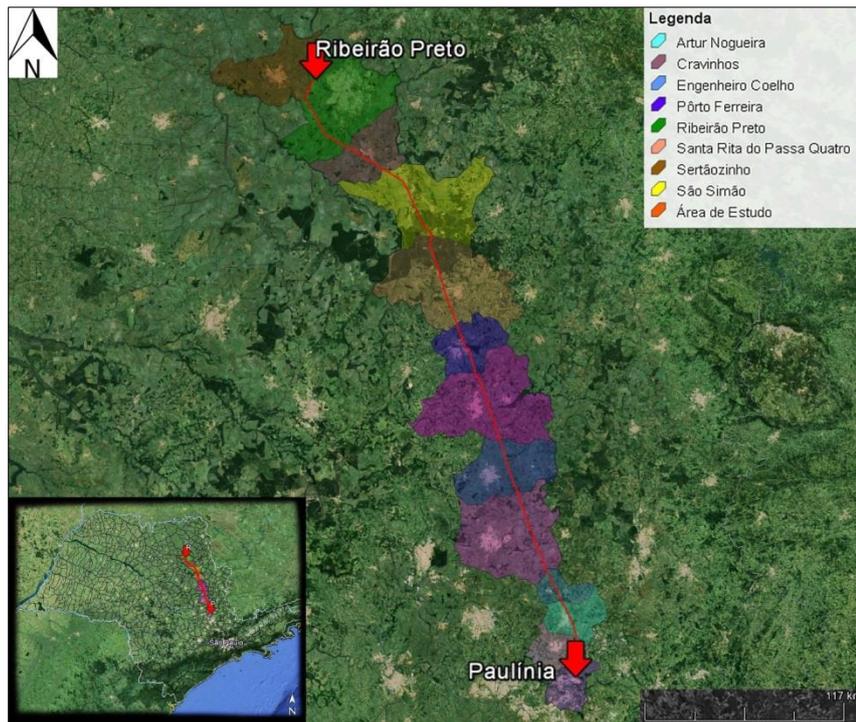


Figura 1: Traçado das atividades de pesquisa em campo¹⁷.

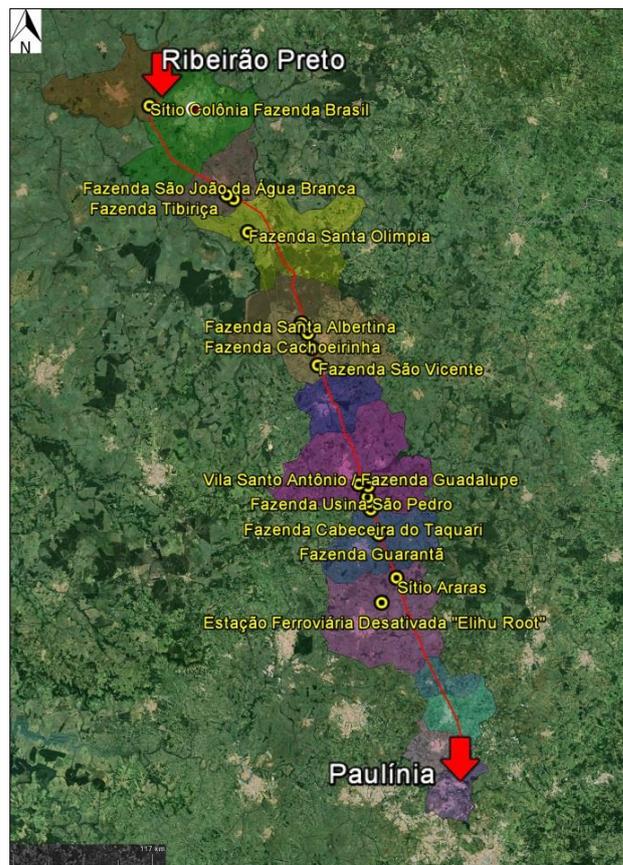


Figura 2: Localização dos sítios arqueológicos na paisagem.

¹⁷ Todos os mapas apresentados neste artigo foram modificados a partir da base fornecida pelo Google Earth (2016).

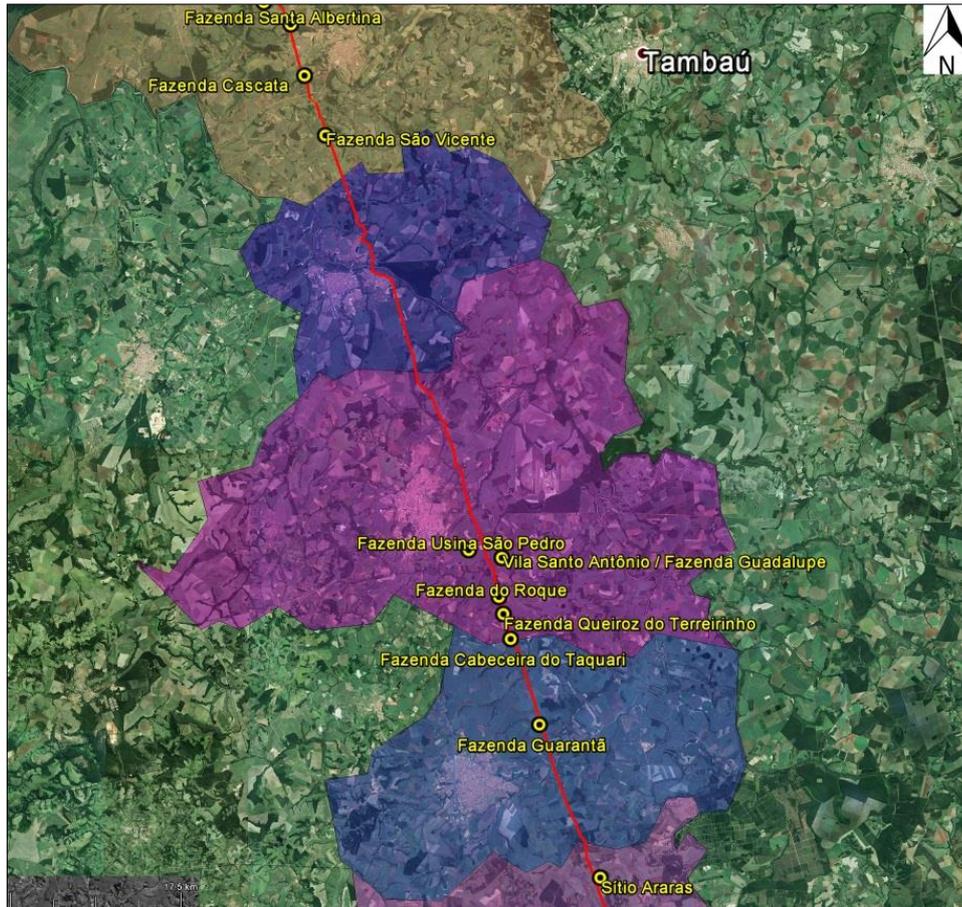


Figura 3: Localização dos sítios arqueológicos na paisagem – detalhe.

SOB A ÓTICA DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

A grande maior parte dos sítios aqui em estudo, como comentado, relaciona-se à dinâmica de ocupação do interior paulista, desde pelo menos a segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX. Este cenário está profundamente ligado ao “ciclo do café”, seu surgimento, seu auge, e as consequências e mudanças contextuais promovidas por seu subsequente declínio.

Nesse sentido, foi dada importância à análise investigativa do contexto dos vestígios e estruturas arqueológicas intra sítio e entre sítios (Binford, 1983), cujos resultados contribuíram para compor um quadro ainda mais claro sobre o modelo de assentamento da economia cafeeira na região noroeste de São Paulo. Acredita-se que esse processo foi claramente responsável pela modificação da paisagem regional, sendo passível de verificação por meio da pesquisa arqueológica¹⁸.

A fim de compor um quadro amplo e adequado sobre esta “paisagem do café”, foi dado enfoque aos pressupostos ditados pela Arqueologia da Paisagem. O conceito de “paisagem”, como esse é compreendido pela arqueologia, inclui uma gama de inter-relações entre elementos físicos, biológicos e antropológicos

¹⁸ Nesse sentido, é importante citar o trabalho do Dr. José Luis de Moraes, diretor do “Projeto Panarapanema/ USP/MAE”, que buscou compreender a paisagem e as inter-relações de um conjunto de sítios no Estado de São Paulo (Bornal, 2008: 9). Também é importante citar o estudo de Bornal (2008), que buscou compreender o contexto do Sítio São Francisco (São Sebastião- SP) e sua inserção na paisagem regional.

(Bertrand apud Conti, 2003: 59). “A paisagem na expressão do historiador Fernando Braudel (...) é como nossa pele, condenada a conservar cicatrizes de feridas antigas” (Braudel, 1966-87 apud Meneses, 2002, p.37). Nas palavras de Bernal,

a constante inter-relação entre os elementos do meio natural com o meio socioeconômico e cultural compõe o que denominamos de paisagem cultural, contendo diversas características tanto físicas como ideológicas (...) em resumo, considerando que a paisagem não é estática e está sujeita a constantes processos de transformação, sobretudo pela ação do homem, ela pode ser considerada como fonte de conhecimento histórico. Nesse caso, geralmente apresenta várias assinaturas antrópicas, que constituem objeto de estudo da chamada Arqueologia da Paisagem (Bernal, 2008: 9-10).

Sendo assim, entende-se que a paisagem não deve ser percebida unicamente como o espaço, ou a natureza ao redor dos sítios arqueológicos. Ao longo de sua história, esta “paisagem do café” foi vista e apreendida pelos grupos humanos, por ela de algum modo impactados, de maneiras diversas ao longo do tempo – um conjunto de diferentes “paisagens culturais” que foram se formando e se transformando até seu atual momento. Citando novamente Bernal, enfatiza-se que ao se falar em paisagem, devem ser incorporadas “noções como percepção, representação, imaginário e simbolismo” (Bernal, 2008, p. 8).

Nos estudos guiados pela Arqueologia da Paisagem, é comum a ênfase na questão da “visibilidade” de um determinado sítio arqueológico – sua paisagem circundante; e o que é possível observar de cada um de seus pontos de interesse (além da visibilidade do próprio sítio de outros pontos importantes de seus arredores) (Criado, 1999; Bernal, 2008). Tal fato foi sempre levado em consideração nas observações realizadas por esta pesquisa, pois “permitem reconhecer se existe um protótipo de panorama ou cena dominante para um dado fenômeno arqueológico” (Criado, 1999: 33). Prioriza-se assim tanto o ambiente e as estruturas criadas pelo homem, como as propiciadas pela natureza local, e os modos de adaptação e modificação deste meio. Sob esta ótica, a pesquisa procurou também elucidar os processos de artificialização do ambiente e as principais características da paisagem na época de ocupação dos sítios.

Em uma abordagem teórica plural, além dos pressupostos da Arqueologia da Paisagem, foram também levados em consideração pressupostos provenientes das linhas da Arqueologia Pós Processual¹⁹. Afinal, como comentado, a paisagem é também fruto de uma apreensão simbólica. Desta forma, a pesquisa buscou também evidenciar e analisar as estruturas que integram os diferentes sítios arqueológicos em questão, caracterizando-os quanto aos diferentes períodos históricos de ocupação e contextos a eles associados. Compreende-se que esta “paisagem social” foi tanto construída, como também “construiu” a percepção dos moradores destas fazendas. Provenientes de diferentes classes sociais – escravos, trabalhadores, e senhores do café - todos eles ainda possuíam seu próprio ponto de vista sobre a paisagem que os circundava- sobre o que cada uma daquelas estruturas para eles significava. Com efeito, por tratar-se de um contexto histórico ainda muito recente, foi possível, por meio de entrevistas com os moradores locais, ter acesso a alguns relatos que proporcionam em parte, essa visão do indivíduo, frente a onipresença da paisagem do café, e as consequências desta imersão em suas vidas.

¹⁹ “A Arqueologia só pode ser entendida em seu contexto histórico e social, como alertava Michael Shanks há algum tempo” (Funari, 2005:1).

Sobre o estudo de contextos ligados a conjuntos de fazendas, no cenário da chamada “Arqueologia Histórica”²⁰, destacam-se hoje os trabalhos realizados nos Estados Unidos, onde as escavações em fazendas coloniais têm mostrado, nas três últimas décadas, que a arqueologia pode concentrar seus esforços no estudo da materialidade pretérita de diferentes esferas de ocupação, incluindo as de minorias étnicas e de classes sociais “excluídas” (Ferreira, 2009: 10; Almeida, 2012:9-10)²¹. Já entre as pesquisas arqueológicas em fazendas e engenhos de escravos no Brasil, podem ser destacado por exemplo o trabalho de Luís Cláudio Pereira Symanski e Marcos André Torres de Souza, no estado do Mato Grosso e em Goiás. Em artigo publicado na Revista do IPHAN (Symanski & Souza, 2007), os autores expõem os procedimentos e resultados do estudo pautado nos preceitos da “Arqueologia da Paisagem”, realizado nos engenhos da Chapada dos Guimarães. Neste local, estruturas e cultura material ligada a práticas escravistas, revelaram contextos que invocam modelos de escravidão e práticas religiosas de matriz africana.

De acordo com Queiroz (2006:57), a implantação das fazendas cafeeiras no relevo paulista foi determinada por fatores práticos, tais como ter água próxima para mover os engenhos, para realizar a lavagem do café e dar ao gado de beber. Além disso, a casa grande deveria se localizar em um local no qual os senhores obtivessem uma visão ampla de todo o movimento da mão de obra e de sua produção²². As primeiras unidades monocultoras de café realizaram diversas tentativas para encontrar a melhor forma de organização do espaço, priorizando a funcionalidade de suas tarefas. Havia de se escolher um local apropriado, próximo a caminhos principais. As fazendas na região de pesquisa se instalaram em áreas topograficamente privilegiadas (de topografia mais amena), com as dependências necessárias a produção ao seu redor, tais como terreiros, tulhas, engenhos e moinhos. Em algumas foram realizadas terraplenagens, como a Santa Albertina, onde muros de contenção de pedra apoiam os terreiros.

Em cada um dos sítios históricos estudados, predominam portanto na paisagem as estruturas arquitetônicas, muitas ainda em uso, inclusive, por descendentes das mesmas famílias que lá um dia prosperaram com a cultura cafeeira (como é o caso da Fazenda Santa Albertina, por exemplo). De acordo com Queiroz (2006, p. 6),

as estruturas arquitetônicas (...) podem ser lidas como os níveis arqueológicos no solo, e através desta leitura, é possível obtermos informações quanto à época de sua construção, sobre reformas que foram feitas, quais espaços eram mais importantes e quais cores eram mais utilizadas em determinadas épocas (...) Edificações implantadas em áreas de pesquisas arqueológicas (...) devem ser tratadas como superartefato, construído pelo homem e que está inserido num dado tempo e espaço carregado de valores, sendo portanto produto e produtoras de relações sociais (Queiroz, 2006: 6).

²⁰ A Arqueologia Histórica se firma como disciplina a partir da década de 1960, nos Estados Unidos, e em 1980 no Brasil, quando deixa de ser uma disciplina auxiliar da história e passa a exercer um papel definido em seu campo de atuação. Segundo Andrade Lima (1993 *apud* Queiroz, 2006: 27), compreende-se como arqueologia histórica “o estudo arqueológico dos aspectos materiais, em termos históricos culturais e sociais concretos, dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo que foi trazido em fins do século XV e que continua em ação até hoje”. Trata-se, portanto, de uma ciência multifacetada, que une informações trazidas através dos artefatos, edificações, documentos, relatos orais, entre outros, e que abarca uma série de possibilidades de pesquisa. “Campos de batalha, quilombos, simples unidades domésticas, becos urbanos, quintais, caminhos, povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados materiais, entre outros, passaram a ser objetos de investigação” (Andrade Lima, 1993: 228)

²¹ Escavações realizadas nas ruínas das treze colônias e nas plantations, por exemplo, foram além da mera reprodução de fatos históricos ligados à história das elites. Outras perspectivas foram exploradas, proporcionando novas e mais amplas visões sobre o processo de formação da nação, e consequentemente contribuindo para novas formas de conhecimento (Ferreira, 2009: 10; Almeida, 2012:9-10).

²² “O bom funcionamento de uma propriedade agrícola está associado à necessidade de se exercer um controle de toda a área, incluindo a possibilidade de se realizar o maior domínio visual possível sobre a paisagem e seus componentes” (Bornal, 2008: 223).

Segundo Symanski (1998, p. 68), análises de edificações domésticas podem revelar dois tipos de informação, a “canônica” e a “indicadora”. A “canônica” se relaciona as características dos interiores das edificações, ligados a experiências sensoriais de múltiplos aspectos, tidas por seus moradores no passado de modo pessoal e subjetivo. A “indicadora” é ligada ao aspecto exterior da edificação, e às características que indicam sua função e valor cultural em meio a uma comunidade específica, em um dado contexto temporal. As informações “indicadoras”, portanto, devido ao caráter e às restrições do tipo de pesquisa arqueológica promovida pelas ações de prospecção, foram prioritárias nas descrições fornecidas das estruturas encontradas. Entretanto, pode-se dizer que algumas entrevistas com antigos moradores também proveram, em parte, informações “canônicas”.

Neste presente artigo, será, entretanto, dada ênfase a uma apresentação geral dos sítios encontrados e sua inserção na paisagem, procurando prover uma visão ampla das transformações promovidas por estas edificações ao longo do tempo, testemunhas de diferentes estágios ligados ao ciclo do café paulista.

OS SÍTIOS HISTÓRICOS E A PAISAGEM DO CAFÉ

Desde seus primórdios, fazendas estabelecidas na região paulista, de modo geral, se utilizaram de trabalho escravo. No início, esta escravidão voltava-se aos “negros da terra” (Monteiro, 1994: 126-127).

Progressivamente, no entanto, à medida que a conjuntura atlântica se alterou, o indígena passou a ser substituído pelo escravo africano, exceto nas áreas mais periféricas da colonização portuguesa, tal como a capitania de São Paulo (...). Para o caso da capitania de São Paulo, a queda no uso do cativo indígena ocorria desde finais do século XVII (...). Contudo, a transição definitiva da força de trabalho indígena para a africana viria a ocorrer somente por volta de meados do século XVIII, quando uma nova conjuntura internacional possibilitou a progressiva introdução da cana-de-açúcar em territórios do sudeste brasileiro (Bacelar, 2012:1).

Segundo Slenes (1999: 143), os cativos africanos trazidos para as regiões paulistas eram em sua maioria pertencente a etnias Banto (ou bantu)²³, saídos de portos de Luanda e Benguela. A adoção destes novos escravos causou um grande impacto na sociedade das vilas paulistas em geral, e uma reconfiguração do cenário produtivo. Dois dos sítios encontrados durante as prospecções abrigam estruturas possivelmente utilizadas como senzalas; o sítio Fazenda Cascata e o Sítio São João da Senzala. Também o sítio Fazenda Santa Olympia, segundo informações dos moradores locais, teria abrigado uma senzala, embora esta não tenha sido encontrada durante as ações de pesquisa em campo.

O sítio Fazenda Santa Olympia (UTM central: 23k 223388 E/ 7625208 N), foi identificado inicialmente por meio de informações orais obtidas com o Sr. Romualdo Martins (morador da região). Vestígios de uma antiga fazenda de produção e beneficiamento de café foram localizados, correspondendo a um barracão principal ao lado de um terreiro de secagem de café, e a uma capela. Predomina na área hoje o cultivo de cana, cuja implantação, segundo a também moradora local, Sra. Sergina da Silva, foi responsável pela desestruturação do conjunto arquitetônico anterior.

²³ Apesar de terem uma origem linguística comum, os Banto correspondem a grupos de grande diversidade cultural.

O prédio principal, identificado como barracão de beneficiamento dos grãos de café, é composto por quatro pavimentos; dois subsolos e dois andares, onde há oito tulhas de café ainda preservadas (figura 4). Há também a presença de uma passarela elevada sobre as salas de armazenamento dos grãos, em bom estado de preservação, e de máquinas de secagem e torragem de grãos (figura 5). As dimensões das estruturas, e a capacidade de processamento do maquinário ainda lá existente, levam a crer que grandes quantidades de café eram nesta fazenda beneficiadas e produzidas, indicando uma necessidade de mão de obra em larga escala²⁴.



Figura 4: Fazenda Santa Olympia - vista frontal do pavilhão principal. À esquerda, muro de pedras do terreiro de café.

²⁴ Em meados do século XIX, o controle da produção cafeeira poderia atingir alto grau de sofisticação em algumas propriedades, capazes de realizar desde o plantio do café, sua colheita, secagem, preparo, classificação, embalagem, até o seu transporte para os portos e pontos de distribuição. Segundo a visão do Barão Paty do Alferes (1847), a otimização da produção dependia do auxílio de maquinário. Dado que a água era responsável pela força motriz do motor, a primeira providência a ser tomada para planejar a propriedade, era ter em vista a localização da água, que então deveria ser direcionada segundo o nível do terreno, o que possibilitaria a maximização da energia fornecida pelo córrego. Em seguida, deveria ser traçada uma planta da fazenda, determinando o local para a sede das máquinas, a partir da qual se designariam áreas para residência do proprietário, casas para o pessoal livre e escravos, e áreas para construções complementares, tais como paióis, armazéns, estrebarias. Portanto a localização da casa de máquinas, em função da água e das condições do terreno, era importante para a implantação dos demais componentes do complexo. O Barão recomendava a seguinte sequência: construção do engenho de serrar madeira, do moinho para a fabricação de fubá, para garantir o fornecimento de boa alimentação para o pessoal, a construção de máquinas e prédios que as abrigavam (ou seja, a construção do núcleo industrial) e finalmente as obras destinadas a habitação (Alferes, 1878: 1-19; Souza, 2001: 16-17; Bars Hering, 2013: 101).



Figura 5: Maquinário inglês no interior do barracão de beneficiamento, fabricação de “John Gordon & Cia”. Fotografias de Guilherme Mongeló.

A análise preliminar do contexto regional parece indicar uma ocupação de longa duração na propriedade. O carioca Conde de São Clemente teria adquirido as terras da atual fazenda em 5 de Dezembro de 1893, da antiga Empresa Industrial Melhoramentos de São Simão. Na negociação, estavam incluídas as fazendas Santa Olympia, Chanaã e Rosas. A área da propriedade localizava-se à margem esquerda da então Linha da Estrada de Ferro Mogiana, entre os atuais municípios de Luiz Antônio e São Simão. O conde teria também iniciado a construção de um ramal ferroviário de 23 km entre a sede de sua fazenda e a já existente estação Serra Azul, no tronco principal da Mogiana, por onde escoaria a produção do café. Este trecho foi denominado “Estrada de Ferro São Clemente”, e cortava o atual leito da Rodovia Anhanguera (Oliveira, 1975: 145; 169).

A marcha do café caminhou desde a Baixada Fluminense até o extremo Oeste Paulista. Na segunda metade do século XIX já eram notadas tendências de diversificação nas atividades das fazendas, que incluía a instalação de engenhos de açúcar, e também de pequenas indústrias voltadas principalmente à manufatura de produtos em couro, além das primeiras experiências com o plantio de café. A expansão do café nas áreas das bacias dos rios Mogi-Guaçu e Pardo foi de fato bastante veloz. Em duas décadas o café já se fazia presente em grandes porções da região. Ao contrário do que ocorreu nas mais antigas áreas cafeeiras de São Paulo, o café na região da bacia do Rio Pardo precedeu os meios de transporte rápidos. A Companhia Mogiana de Estrada de Ferro obteve no ano de 1872 a concessão para iniciar a construção de um trecho que iria de Campinas à Mogi Mirim, e depois se prolongaria até as margens do Rio Grande. A estação de Mogi Mirim é inaugurada em 1875, e a de Ribeirão Preto em 1883 (Garavazo, 2006: 55-56).

O avanço do café na região da bacia do rio Pardo, na realidade, beneficiou-se não só do advento da ferrovia, mas também do empobrecimento dos solos na região do vale do Paraíba paulista e do Rio de Janeiro. A expansão dos cafezais também coincidiu com a crise de oferta de trabalho escravo, já que o tráfico havia sido proibido desde 1850, e a abolição decretada em 1888. Imigrantes europeus então, passam a ser admitidos como mão de obra livre. A vinda de imigrantes europeus foi mais aceita, no início, nas fazendas da área, que já não possuíam um contingente tão grande de mão de obra escrava como as fazendas do Vale do

Paraíba, e foi facilitada pela ferrovia. Os arredores de Ribeirão Preto viriam a se firmar, em 1930, como a maior área de produção de café paulista e brasileira; o “eldorado paulista” (Garavazo, 2006: 68).

A fazenda Santa Olympia teria sido vendida em 1897 à companhia *The San Paulo Coffee Estates C.o.*, que assumiu também o controle do ramal ferroviário (Oliveira, 1975: 169). Na fachada frontal do barracão de beneficiamento pode ser observada a data e a inscrição de sua instalação, sob a nomenclatura de “C.E.C” – *Coffee Estates Company* (figura 6). Acredita-se que o grande impulso à modernização da fazenda tenha sido dado por este grupo, com a construção de grandes estruturas de beneficiamento dos grãos de café. A decadência da fazenda estaria ligada diretamente à desvalorização deste produto no segundo quartel do século XX. Provavelmente existem ainda estruturas a serem localizadas, possivelmente hoje cobertas pela lavoura de cana-de-açúcar, que se estende por toda a área da propriedade. Como comentado, segundo informações de moradores do município de São Simão, existiria também no local uma senzala, hoje tomada por mata ciliar próxima ao barracão de beneficiamento, além de diversas casas de colonos que compunham o conjunto da fazenda.



Figura 6. Inscrição na parte superior da parede frontal do pavimento principal, onde podem ser observados o ano de instalação do edifício e a sigla “C.E.C” – *Coffee Estates Company*.

No sítio Fazenda Cascata (UTM central: 23 K 240438 E/ 7596047 N), o qual da mesma forma corresponde a um conjunto de estruturas relacionadas a uma antiga fazenda de café (datada da segunda metade do século XIX), foi detectada a presença de uma possível senzala no porão da casa sede, confirmada pelos relatos orais dos moradores locais. Ações de caminhamento, realizadas concomitantemente às ações interventivas em campo, permitiram a identificação de um muro de pedras, que em alguns pontos atinge altura superior a 2 m, possivelmente ligado a estruturas hidráulicas, caracterizando um possível aqueduto.

Dentre as edificações ainda presentes no local foram identificadas três habitações, sendo que duas delas se encontram em torno de um terreiro de café. O terreiro apresenta patamares sucessivos com declividade significativa. Estes patamares demonstram o poder econômico dos proprietários, uma vez que aplainar áreas e conter encostas requer mão de obra e máquinas para movimentação de terra e materiais. Um canal de adução, paralelo ao acesso não pavimentado principal da fazenda, também pode ser considerado um remanescente do complexo cafeeiro. Há, ainda, outras edificações, que refletem usos paralelos ao

beneficiamento do café ou mais recentes, tais como pocilgas, um abatedouro, um depósito de ração, um galinheiro e um curral, todos atualmente desativados (Bars Hering, 2013: 52).

A casa identificada como sede apresenta planta em forma de “L”, sendo provável ser esta uma extensão de uma planta originalmente retangular. A mudança na planta também é perceptível na técnica construtiva em pedras (parte da planta mais antiga) e alvenaria de tijolos (extensão de planta retangular para em forma de “L”). Sobre a utilização dessas técnicas de edificação, Benincasa (2006: 6) comenta que a substituição da alvenaria de pedra pela de tijolos, nas fazendas de café da região, teria se dado do século XIX para o início do século XX. A fachada posterior apresenta, na porção inferior, duas portas e dois vãos circulares para ventilação do porão (figura 7). Esses vãos estão gradeados com estruturas de metal com motivos decorativos que remetem à folha e ao fruto do café (figura 8). Segundo Sr. Cosme Oliveira (atual gerente da fazenda), o porão teria sido utilizado como senzala. Percebe-se, de modo geral, que a utilização de porões como senzalas é um fato bastante presente na memória local, além de constituir um marco na arquitetura da época na área (Benincasa, 2006: 6).



Figura 7: Parte da edificação da casa sede feita de alvenaria de pedras.



Figura 8: Detalhe de vão circular para ventilação do porão, com grades de metal e motivo decorativo com referências ao café.
Fotografias de Luciana A. S. Machado.

A Fazenda Cascata pertencia, em 1887, ao Cel. Delphino Martins de Siqueira, fundador da Cia. Ramal Férreo de Santa Rita (1889). Em 1915, a família Siqueira vendeu a fazenda para o Sr. João Teixeira de Carvalho, o qual, em 1918, já possuía duzentos mil pés de café no local. Em 1943, a fazenda foi vendida ao Estado de São Paulo, para a criação de um sanatório de tuberculosos no local (Belluz *apud* Bars Hering *et al.*, 2013: 50)²⁵.

Já o sítio São João da Senzala (UTM central: 23 K 237669 E / 7602362 N) corresponde a um conjunto de estruturas datadas do século XIX que vem sendo reutilizadas até o presente, apresentando desta forma um visível histórico de interferências e reformas que se relacionam com seu processo de ocupação. A presença de material histórico construtivo, disperso em superfície entre os poços-teste abertos nas proximidades, conduziu os pesquisadores à área da fazenda. O Sr. Raimundo Silva de Azevedo (morador local) nos informou que possivelmente o material encontrado seria proveniente das antigas casas de colonos pertencentes à Fazenda São João, que lá teriam existido em grande número. Hoje nota-se que o complexo da Fazenda São João é composto por uma habitação sede, habitações que aparentam ser mais recentes, um terreiro de café (que hoje segue para dentro do canal), e um galpão para estacionamento do maquinário e armazenamento de palha. Este último parece corresponder às ruínas de um engenho de cachaça, cuja chaminé ainda encontra-se erguida.

Há também a presença de ruínas de duas estruturas retangulares paralelas construídas com blocos de basalto escuro. Suas paredes medem mais de um metro de espessura. Tais estruturas foram apontadas por Raimundo Silva de Azevedo como sendo de antigas senzalas. O filho do Sr. Raimundo, o Sr. Juliano de Azevedo, afirma ter encontrado no mesmo local um chicote e correntes que, segundo ele, encontram-se

²⁵ Em 1946, o decreto-lei nº 16.560 de 27 de dezembro de 1946, dispôs acerca de uma verba de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros) para as obras do asilo para tuberculosos na Fazenda Cascata. O asilo foi inaugurado em 1949, e a primeira internação se deu em 1950. Durante as décadas de 1950 e 1960, a fazenda produzia também arroz para abastecer os internos. Os funcionários do sanatório e da fazenda eram pagos pela Caixa Beneficente do Sanatório Colônia Santa Rita e moravam na colônia, na área para funcionários. Atualmente, o sanatório ainda está em funcionamento, mas apenas como um local de moradia dos antigos internos, não recebendo mais pacientes. Em uma de suas alas, há o Museu da Psiquiatria do CAIS (Centro de Atenção Integral à Saúde) de Santa Rita do Passa Quatro. A exposição de longa duração mostra aspectos do cotidiano de um hospital psiquiátrico e de tuberculosos, além de expor trabalhos artísticos dos pacientes (Belluz *apud* Bars Hering *et al.*, 2013: 50).

embaixo dos entulhos presentes hoje no interior das ruínas. Deve ser levado em consideração que Benincasa, em texto que trata do patrimônio arquitetônico rural da região no período entre 1800 e 1940, afirma que

as senzalas que restaram são de meados do século XIX e certamente não foram as primeiras edificações com esse fim nessas fazendas. Em geral elas apresentam interferências como aberturas de portas e janelas, além de paredes internas posteriores. Reformas justificáveis uma vez que no período pós-escravidão esses edifícios tiveram usos diversos, muitos deles se tornaram habitações para famílias de imigrantes, outros se transformaram em depósitos, tulhas, etc. (Benincasa, 2006:6).

Tais características são compatíveis com a estrutura encontrada. Nesta fazenda, não só a possível senzala, como todo o complexo de estruturas, passou por essas modificações. Na “senzala” parece ter havido a abertura de vãos e janelas que então foram acabados com tijolos (figuras 10 e 11). No arrimo do terreiro de café também são notórias duas etapas de construção: a primeira com blocos de rocha basáltica, e a segunda, que permanece até os dias atuais, com tijolos.



Figura 9: Sítio Fazenda São João da Senzala. Detalhe da estrutura de fundação da possível senzala, com mais de um metro de espessura, edificada com blocos de rocha basáltica.



Figura 10: Sítio Fazenda São João da Senzala. Ruínas da possível senzala, com vista externa de vão de entrada com acabamento em tijolos, indicando uma modificação posterior à da edificação com blocos de basalto. Fotografias de Fabio G. Almeida



Figura 11: Detalhe de janela gradeada com metal e arco com tijolos. Fotografia de Fabio G. Almeida.

Dentre os outros sítios históricos encontrados durante as ações prospectivas, merecem também destaque a Fazenda Tibiriçá, a Fazenda São João da Água Branca, a Fazenda Santa Albertina, e a estação ferroviária desativada Elihu Root. A Fazenda Tibiriçá (UTM central: 23K – 219308 E/ 7633808 N) apresenta um conjunto de edificações formado por três casas, uma pequena capela, um terreiro para secagem de grãos de café e um armazém de beneficiamento. Também o local abriga a antiga Estação Tibiriçá. Para esta estação férrea fluíam todos os trilhos das demais propriedades do entorno, a fim de trazer o café que seria levado ao porto de Santos pela Mogiana (Kandas, 1977: 21). As estruturas mais antigas, a estação, o armazém, as casas e a capela, faziam antes parte da atividade de escoamento de produção de café da Fazenda

Santo André (conhecida na época por Fazenda Chimborazo), uma das seções da Cia. Agrícola de Ribeirão Preto, fundada em fins do século XIX²⁶.



Figura 12: Reconstrução das estruturas da Fazenda Tibiriçá em 3D, gerada através da associação entre ortofoto e nuvem de pontos. Concepção: Alexandre Hering - Arqueodrone.

A Fazenda Tibiriçá foi erguida em 1892. Segundo D. Maria Tereza Hippolito, lá havia uma capela, setecentas e vinte famílias de colonos assentadas, e um acampamento para tropeiros que passavam em um caminho dentro de suas terras. Em 1938, o Sr. Pedro Paulo Matarazzo adquiriu a Cia. Agrícola de Ribeirão Preto e as fazendas a ela associadas, entre elas a Fazenda Tibiriçá. Segundo informação oral do atual administrador da fazenda, Sr. José Garcia, o “Conde Matarazzo”, transformou a Estação Tibiriçá em sua casa habitação permanente, industrializando ainda mais a produção de café. Desta época datam o terreiro de secagem e o armazém de beneficiamento, localizados propositalmente próximos à linha de trem (figura 13). Segundo Ferrão (2005:4), as fazendas de café do século XIX, com o fim do sistema escravista, passaram a se organizar de modo mais produtivo, reservando áreas para a construção de edificações junto às vias férreas, a fim de permitir uma melhor logística para o escoamento da produção.

²⁶ Segundo Kandas (1977), a Cia. Agrícola do Ribeirão Preto foi instalada em 1891 como uma S.A., sendo seus maiores acionistas a Buarque & Cia. (que integralizou seu capital com a entrega das fazendas Chimborazo, Monte Belo, Monte Parnaso e Sítio de Santa Amélia), e o Dr. Ernesto Torres Cotrim (com a integralização do capital feita a partir da entrega das fazendas Toca ou Revolta e Santa Maria). Em 1895, ocorreu a transferência das ações da Buarque & Cia. para o Conde de Pinhal, Sr. Antônio Carlos de Arruda Botelho.



Figura 13: Fazenda Tibiriçá - Terreiro de secagem, tulha e casa de máquinas.

O mesmo autor cita também as mudanças no sistema produtivo da indústria do café no interior paulista, ocorridas devido aos impactos causados pela crise mundial de 1929 e pela Revolução de 1930. Na época houve um grande êxodo rural, que tornou as populosas vilas de trabalhadores espaços quase sem funcionalidade. Tecnologia sofisticada, maquinário pesado, adubagem sistemática do solo, e produção com baixo custo, tornaram-se então elementos primordiais no cultivo e processamento do café.

O núcleo industrial (outrora a parte mais nobre das fazendas de café) restringe-se, agora, apenas ao terreiro, um barracão de madeira e uma pequena tulha. Portanto, as unidades de produção de café (...) seguiram a lógica de desenvolvimento do capitalismo urbano-industrial que surgiu no Brasil após a crise de 1929, segundo a qual a agricultura passa a ser praticada preferencialmente em pequenas e médias propriedades, formando a base do que os americanos passaram a chamar de agribusiness (Ferrão, 2005:7).

Dessa forma, a construção da estrutura de beneficiamento ao lado do terreiro, obra da administração da família Matarazzo, representa um segundo momento característico da cultura do cultivo do café no interior do Estado de São Paulo. A estação de trem Tibiriçá, datada de 1892, foi desativada oficialmente em 1/05/1964, quando do fechamento do trecho da Mogiana.

Próximo ao sítio Fazenda Tibiriçá foi encontrado o sítio Fazenda São João da Água Branca (UTM central: 23K 217629 E/ 7634740 N), identificado inicialmente devido à ocorrência de material histórico (tais como louça, vidro e metal) em áreas próximas à faixa destinada à abertura dos poços-teste. Foi realizado o procedimento de coleta parcial do conjunto de fragmentos de artefatos encontrados em superfície. Tal conjunto era composto por material construtivo (pisos e telhas), utensílios domésticos (louça e vidro) e artefatos ligados à construção e funcionamento da linha férrea (como piquete de dormente²⁷). Os fragmentos estavam dispostos sobre uma área caracterizada hoje pela presença de uma estrada vicinal, antes utilizada pela antiga estrada de ferro, ramal da Mogiana. Os trilhos foram todos retirados há muito tempo. Devido ao contexto, o material pode ser oriundo de um aterro efetuado no local quando da abertura e alargamento da

²⁷ Na realidade, um dos piquetes de dormente encontrados constituiu o único artefato não fragmentado da amostra total desta área.

atual estrada de terra. Segundo o morador local, Sr. Romualdo Martins, havia ainda nas proximidades da antiga estrada de ferro uma colônia de moradores, trabalhadores da fazenda.

Não foi encontrado nenhum material em subsuperfície nos poços-testes abertos no local. O contexto arqueológico apresentou um alto grau de perturbação (promovido pelas ações relativas à instalação de um duto anterior no local; pelo estabelecimento da própria estrada vicinal onde antes era o leito da linha férrea; e talvez também pelas ações relativas às demolições das moradias antes próximas). Os fragmentos encontrados em superfície e coletados foram analisados posteriormente em laboratório. As análises propõem uma datação relativa aos achados que varia desde épocas bastante recentes (aprox. 1970/ 1980) até épocas que estão entre aproximadamente fins do século XIX e início do século XX (no caso específico dos piquetes de dormente, utilizados na via férrea pertencente à Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, instalada em fins do século XIX). A grande maioria dos achados, de qualquer forma, aparenta ser relativos a épocas recentes, ao menos da segunda metade do século XX.

Quanto às estruturas da fazenda São João da Água Branca, estas são compostas por uma casa sede, um barracão de beneficiamento de café, dois terreiros de secagem de grãos, e um armazém para maquinário. Em 1975 foi acrescida uma estrutura de beneficiamento de leite bovino, quando a fazenda passa a ter esta função. A casa sede é hoje utilizada como habitação pelo atual proprietário, Sr. Darci Sacarelli. Segundo informações do mesmo, a estrutura teria sido erguida na virada do século.

O sítio “Elihu Root” também está inserido neste contexto relacionado ao desenvolvimento econômico-social do interior paulista, alavancado pela rede formada pela *Companhia Mogiana de Estradas de Ferro* e também pela *Companhia Paulista de Estradas de Ferro*. Esta estação ferroviária desativada (UTM central 23k 0260059 / 7531453), que hoje se encontra no município de Araras, foi inaugurada como estação “Guabiroba” em 1877. Inicialmente mantida pela *Companhia Paulista de Estradas de Ferro* (1877-1971), foi posteriormente incorporada pela companhia *Ferrovias Paulista Sociedade Anônima* (FEPASA, 1971-1997), e desativada em 1997. A estação recebeu o nome atual no ano de 1906, em homenagem ao advogado e Secretário de Estado norte americano, que depois de presidir a *Conferência Pan-Americana* no Rio de Janeiro, desembarcou na estação para visitar a Fazenda de Café Santa Cruz. Durante seus primeiros anos de atividade, a estação teve importante papel no transporte tanto de carga quanto de passageiros, sendo responsável pela chegada de novos trabalhadores, ou colonos, que ocuparam o lugar da mão de obra escrava nas lavouras cafeeiras (Giesbrecht, 2009, s/p).

As estruturas localizadas compreendem um terminal de passageiros e um terminal de carga, onde os vagões eram carregados do café produzido nas áreas vizinhas. Os terminais distam cerca de 100m entre si. Apesar de sua grande relevância histórica para a região, atualmente a área se encontra totalmente abandonada, com fortes sinais de depredação e com riscos de eclosão (figura 14).

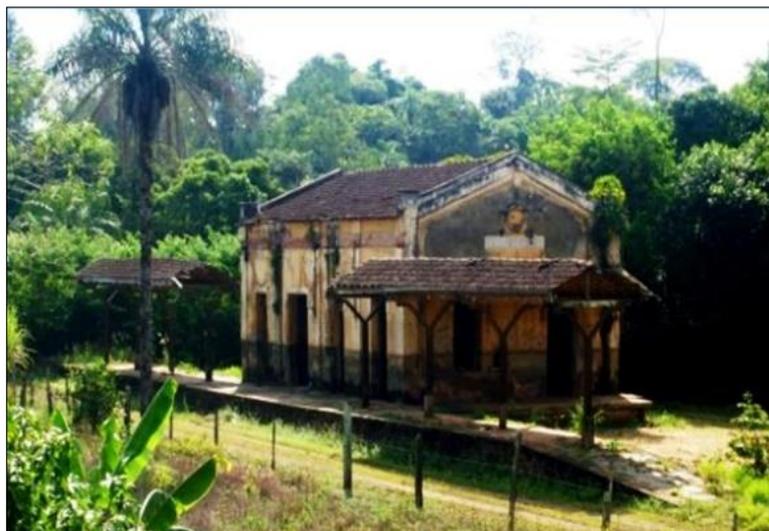


Figura 14: Terminal de carga e terminal de passageiros. Sítio Elihu Root. Fotografia: Thiago Trindade

Também ligado ao contexto de expansão e de crescimento promovido pelo café, está o sítio Fazenda Santa Albertina. Este sítio foi identificado quando do avistamento de suas estruturas em ruínas (UTM central: 23 K 239332 7599767), a menos de 70 m dos pontos de abertura dos poços-teste. Atualmente, o local é de propriedade de Maria Helisabeth Von Gossler Ribaldo, de 76 anos. Segundo ela, seu pai, imigrante alemão, Guilherme Von Gossler, comprou a propriedade de Antonio Zerrenner, Cônsul Honorário da Holanda no Brasil. Antes deste, ainda segundo Maria Helisabeth, a fazenda teria pertencido à Cia. Schimidt de Café, de propriedade de Francisco Schmidt, conhecido popularmente por “Rei do Café”, figura célebre na região de Ribeirão Preto, financiador da modernização do nordeste paulista.

A fazenda hoje é arrendada para o cultivo de cana-de-açúcar e a criação de gado. As estruturas principais em funcionamento são a casa da proprietária (segundo ela, antiga “casa do fiscal”), a casa de Guilherme Von Gossler, os galpões de trato do gado bovino, e um único conjunto de antigas casas de colonos. As estruturas citadas, apesar de um pouco descaracterizadas, mantém suas atividades funcionais, aparentemente, desde a compra da fazenda pela família Von Gossler. Segundo Maria Helisabeth, a criação de gado sempre foi característica da fazenda, mesmo com o predomínio de culturas mais lucrativas, como fora o café e agora é a cana-de-açúcar.

A sede original, antigo “palacete”, localizava-se no topo de um morro sobre o qual se estende a propriedade (figuras 16 e 17). Foi demolida por Guilherme Von Gossler, pois, em sua visão, esta não atendia às necessidades funcionais do dia-a-dia do trabalho do campo. As características do ecletismo neoclássico apresentadas pela construção do palacete teriam sido comuns nas fazendas cafeeiras paulistas no século XIX. As grandes sedes buscavam imitar as linhas arquitetônicas dos edifícios da capital do país, Rio de Janeiro, onde se localizava a corte (Benincasa, 2008: 93;191). Implantado a meia encosta, o palacete sugeria a dimensão e a riqueza da fazenda em seus tempos áureos. Segundo a atual proprietária, em todo entorno da sede da fazenda era possível avistar as casas dos colonos que lá trabalhavam – o que sugere um interessante recurso muito utilizado nas fazendas cafeeiras da época – no qual, como comentado anteriormente, a casa sede, de modo geral era implantada em terras altas, buscando assim obter uma boa visão da produção e/ ou de sua mão de obra.

Muitas estruturas foram demolidas pela proprietária na última década do século XX, devido à iminência de “ataques dos sem-terra” (em suas palavras). Estruturas em ruínas puderam ser vistas na prospecção inicial. Algumas foram identificadas de acordo com as informações da proprietária, mas certamente mais vestígios encontram-se ainda associados à fazenda. Muitos utensílios domésticos foram por ela recolhidos e guardados em uma espécie de coleção particular (figura 15).



Figura 15: Utensílios domésticos guardados pela proprietária da fazenda. Fotografia de Guilherme Mongeló.



Figura 16: Foto do palacete, e em primeiro plano, estruturas de lavagem de café. Acervo pessoal de Maria Helisabeth Von Gossler.



Figura 17: Ruínas do antigo palacete. Fotografia de Luciana A. S. Machado.



Figura 18: Sítio Fazenda Santa Albertina. Parede do antigo terreiro de café e coluna de sustentação do trilho elevado. Fotografia de Guilherme Mongeló.

Da produção de café, é marcante na paisagem o terreiro, feito de pedras, tomado hoje pelo capim. Segundo a proprietária, este teria sido “feito pelos escravos”. Dele, colunas de pedras alinhadas se projetam em direção a baixa vertente. Compunham a base de uma estrutura de trilho elevado, que trasportava os grãos de café do terreiro à tulha, hoje em ruínas. Adjunto à estas construções, pode-se ver vestígios dos espaços de lavagem dos grãos (figura 18).

Além dos sítios citados, outros como o Colônia Fazenda Brasil, o Fazenda São Vicente, o Queirós do Terreirinho, o Fazenda do Roque, o Fazenda Cabeceira do Taquari, o Fazenda Cachoeirinha, o Vila Santo Antonio/ Fazenda Guadalupe e o sítio Fazenda Guarantã, também estão relacionados principalmente com o auge do ciclo do café paulista. Todos eles, apesar de suas diferentes proporções, apresentam terreiro de café, e até mesmo alguns maquinários ainda preservados. A exceção seria talvez o sítio Fazenda Usina São Pedro, cujas estruturas atestam provavelmente o declínio destas atividades e a reconfiguração do contexto agrícola e rural.

O sítio Fazenda Usina São Pedro (UTM central 23K-255794 E / 7561064 N) foi localizado durante os trabalhos de prospecção, chamando a atenção na paisagem devido a sua chaminé, destacada em meio à extensa plantação de cana-de-açúcar. Segundo informações dos moradores locais, a fazenda teria sido fundada por José Bertazi após a Segunda Guerra Mundial. Posteriormente teria sido comprada e revendida por duas diferentes famílias.

Apesar de não estarem mais em funcionamento, as estruturas de beneficiamento de cana-de-açúcar encontram-se bem preservadas, diferentemente da antiga casa sede, que hoje está em ruínas. A torre do alambique e a chaminé representam este complexo de beneficiamento, utilizado para a fabricação de aguardente. Dentro da torre era destilada a bebida. Por meio de túneis subterrâneos a torre era interligada à chaminé, que expelia os gases indesejáveis. A Usina São Pedro pode representar um momento diferente do evidenciado nos sítios próximos, que antes abrigavam as grandes lavouras de café. Com o declínio da indústria cafeeira, buscaram-se alternativas de cultivo, e a cana-de-açúcar, hoje bastante evidente na região, tomou o espaço como atividade monocultora principal no interior paulista. É possível que a fundação e o desenvolvimento da Usina São Pedro faça parte de um processo de mudança no contexto agrícola, palco de um aumento do êxodo rural e do surgimento dos “boias-frias”. As estruturas encontradas, de arquitetura de linhas simples, bastante diferenciadas das edificações ligadas às grandes fazendas de café datadas do século XIX e início do século XX, do mesmo modo, representam materialmente estas mudanças essenciais.

Também relacionado à questão do êxodo rural está o sítio Araras (UTM central 23k 0263663 E / 7537891 N). Neste local, foram localizados remanescentes de uma antiga vila de trabalhadores rurais, abandonada por volta da década de 1950, que antes prestavam serviço para a Fazenda Araras. Foram identificadas dez edificações domésticas, além de outras três cuja função não pode ser determinada com precisão. As edificações se estendem linearmente (em forma de “L”) por cerca de 360 m a partir da baixada do Córrego do Tanque, em uma pequena rua de terra batida. As moradias apresentam uma área interna média de 105 m². De modo geral, há três ou quatro cômodos, sendo um deles a cozinha. São construídas com tijolos de fabricação regional, e telhas do tipo capa-e-canal (figura 19). Outras edificações, com função não determinada, distam cerca de 50 a 100 m umas das outras, e parecem corresponder a áreas comunais de armazenagem ou processamento de bens agrícolas.



Figura 19: Edificações de habitação. Sítio Araras. Fotografia: Thiago Trindade.

CONCLUSÃO

Os resultados apontados por estas primeiras etapas de pesquisa, com a localização das estruturas ligadas às fazendas e ao avanço das vias férreas, contribuem para a construção do panorama do processo de colonização do nordeste paulista durante o século XIX e início do século XX. As grandes sedes de fazenda ainda podem ser avistadas em pontos estratégicos da paisagem; lembranças edificadas de uma época de plena expansão econômica e territorial. Os vestígios de senzalas, ferrovias, estruturas de beneficiamento de café (que ainda guardam antigos maquinários), grandes palacetes, habitações de imigrantes, e edificações que marcam a substituição das lavouras cafeeiras pela cana-de-açúcar, são testemunhos materiais dos caminhos abertos pelo início, auge e também pelo declínio do ciclo do café paulista, enfatizando ações de personagens de diferentes segmentos sociais. A localização destes vestígios permite a ampliação de estudos de diferentes temáticas, incluindo também questões mais recentes, como o êxodo rural e o contexto dos boias-frias, promovido pela instalação de grandes lavouras de cana-de-açúcar.

Infelizmente, deve ser lembrado que muitas destas estruturas foram, e ainda estão sendo, destruídas propositalmente pelos atuais proprietários, por não mais constituírem edificações “úteis” às funções hoje exercidas nas fazendas. A sede da Fazenda Santa Albertina, antigo “palacete” neoclássico, é um destes exemplos: um local de grande relevância histórica, destruído por não mais servir aos propósitos de seus novos donos. O mesmo ocorreu, com muito maior frequência, com antigas casas de colonos, em inúmeras destas fazendas. Locais certamente ricos em informações arqueológicas, e que merecem ser alvo de novas pesquisas. Um destes locais, o sítio Vila Araras, ainda abriga algumas ruínas. Devido à grande quantidade de material disperso em superfície e a estruturas ainda presentes, o local permanece sendo um campo fértil para arqueologia, podendo levar a um maior esclarecimento sobre as condições dos imigrantes que substituíram a mão de obra escrava nos cafezais. Também quase que em ruínas encontra-se a Estação Elihu Root, testemunho do auge do ciclo do café, marco de grande importância regional, e totalmente abandonado pelas autoridades locais.

Nesta pesquisa, não houve hesitação em declarar locais, tais como grandes fazendas, ou estações ferroviárias, como sítios arqueológicos. Considera-se que este é o primeiro passo em direção à sua valorização e preservação. Muito está se perdendo devido à desvalorização de bens edificados pelos próprios moradores e proprietários locais, que não consideram que tais “ruínas” ou “casas velhas” possam ser importantes constituintes de sua história. Em nome do avanço das plantações mais recentes, não há geralmente nenhum pudor em serem destruídas antigas vilas de colonos, ou antigos maquinários de café. Por vezes alguns materiais “antigos” são coletados pelos habitantes locais, porém apenas como itens de “curiosidade” (como ocorre na Fazenda Santa Albertina, por exemplo). Não se vê, de modo geral, ações de preservação, ou mesmo a identificação de certos locais como importantes testemunhos da memória regional.

É necessário enfatizar que os resultados apresentados acima na realidade compõem apenas as primeiras etapas de pesquisa na área. Com a realização de novas etapas de pesquisa arqueológica mais aprimoradas nestes sítios, espera-se aprofundar ainda mais o conhecimento existente sobre o contexto histórico regional, contribuindo para os estudos sobre os processos de colonização dos territórios no nordeste paulista. Nestes locais, estruturas e cultura material ligadas a práticas escravistas, por exemplo, podem revelar contextos interessantes, como os que remetem também a práticas religiosas de matriz africana. Acredita-se que será possível a realização de análises a partir de uma perspectiva simbólica e contextual da cultura material dos escravos, bem como das estruturas encontradas na fazenda. Por meio do estudo de antigas estruturas ligadas à chegada dos imigrantes europeus, também poderá ser possível a elucidação destes contextos, além dos diferentes estágios pelos quais passou a implantação das lavouras de café em São Paulo. Todos esses processos exigem que sejam realizadas investigações minuciosas, pois deve ser enfatizado que as fazendas da região sofreram e continuam sofrendo constantes processos de ocupação, reocupação e abandono.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. A. 1990. The Wupatki Archeological Inventory Survey Project: Final Report. *Southwest Cultural Resources Center Professional Paper, National Park Service, Santa Fe*, n. 35: 1-38.
- ALMEIDA, F. G. 2012. *Terra de Quilombo: arqueologia da resistência e etnoarqueologia no território de Mandira. Município de Cananéia – SP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- ALTENFELDER, S. F. 1967. Informes Preliminares sobre a Arqueologia de Rio Claro. *Programa Nacional de pesquisas arqueológicas, resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966*, n.6: 79-88.
- ANDRADE LIMA, 1993 Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960- 1991). *Anais do Museu Paulista*, n. 1: 225-262.
- ARAUJO, A.G.M. 2001 (a). *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. 2001(b). Arqueologia da Região de Rio Claro: Uma Síntese. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 11: 215-140.
- BACELAR, C. A. P. *Famílias cativas em São Paulo colonial: a escravidão de indígenas e africanos através dos registros paroquiais (vila de Itu, capitania de São Paulo, primeira metade do século XVIII)*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Águas de Lindóia/SP, de 19 a 23 de novembro de 2012.
- BARS HERING, C. et al. 2011. *Relatório para o Programa de Prospecção Arqueológica Intensiva Interventiva para a implantação do Sistema de Escoamento Dutoviário de Alcool e Derivados – SEDA - Trecho 1- Ribeirão Preto – Paulínia*. São Paulo: Arqueologika Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais.
- _____. 2013. *Relatório para o Programa de Gestão do Patrimônio Histórico Arqueológico, Sistema Logístico de Etanol, Trecho I - Ribeirão Preto – Paulínia (OSBRA)*. São Paulo: Arqueologika Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais.
- BEDUSCHI, L. C. & MORETTO, E. M. 2011. *Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ)*. Grupo de Pesquisa GovÁgua USP - PROCAM USP. Disponível em: <http://www.usp.br/procam/govagua/pcj.php>. Acesso em: 14 de abril de 2011.
- BENINCASA, V. 2006. Fazendas de Café: O patrimônio arquitetônico rural em São Paulo, Brasil, 1800-1940. In *I Seminário de História do Café, 2006*. Itu: Centro de Estudos do Museu Republicano Convenção de Itu - Universidade de São Paulo.
- _____. 2008. *Fazendas Paulistas: Arquitetura Rural no ciclo Cafeeiro*. Tese (Doutorado em Arquitetura), Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- BELLUZ, C. A. D. B. 1991. *Santa Rita do Passa Quatro: imagens do café*. Campinas: Cartograf.
- BINFORD, L. R. 1983. Evidence for differences between residential and special-purpose sites. In BINFORD, L. R. (ed.) *Working at Archaeology*. New York: Academic Press. 1983. Pp. 325-336.
- BORNAL, W. 2008. *Sítio Histórico São Francisco – Um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- CBH MOGI. 1999 . *Diagnóstico da Bacia Hidrográfica do Rio Mogi-Guaçu, “Relatório Zero”*. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBH-MOGI/1306/relmogiseg.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

- CONTI, J. B. 2003. Ecoturismo: paisagem e geografia. In RODRIGUES, A. B. (org.). *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto. Pp. 59-69.
- FERRÃO, A. M. A. 2005. A Fazenda Cafeeira. *História Viva*, n. 24: 1-7. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/a_fazenda_cafeeira_7.html. Acesso em: 06 de Outubro de 2011.
- FERREIRA, L. M. 2009. Arqueologia da escravidão e arqueologia pública: algumas interfaces. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, vol.3, n. 1:9-23.
- FUNARI, P. P. A. 2005. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. *MNEME revista de humanidades*, vol. 6, n. 13: 1-5.
- GALHARDO, D. A. 2010. *Tecnologia Lítica: Estudo da variabilidade em Sítios Arqueológicos do Nordeste do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- GARAVAZO, J. 2006. *Riqueza e Escravidão no Nordeste Paulista: Batatais: 1851-1887*. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GIESBRECHT. R. M., 2009. *Estações Ferroviárias do Brasil*. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/a/agbranca.htm>. Acesso em: 22 de Setembro de 2010.
- KANDAS, E. 1977. *A Instituição da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto*. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MENESES, U. T. B. 2002. A Paisagem como Fato Cultural. In YAZIGI, E. (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto. Pp. 29-64
- MILLER Jr., T. O. 2011. *Dois fases paleoindígenas da Bacia do Rio Claro, Estado de São Paulo: um estudo em metodologia*. Erechim: Habilis.
- MONTEIRO, J. M. 1994. *Negros da Terra: índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Publifolha.
- MORALES, W.F. 2005. *12.000 anos de ocupação: um estudo de arqueologia regional na bacia do córrego Água Fria, médio curso do rio Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, F. P. 1975. *Elementos para a história de São Simão*. São Simão: Edição do Autor.
- PATY DO ALFERES, F.P.L.W, Barão do. 1878. *Memória sobre a fundação e costeiro de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro.
- PETRONE, M. T. S. 1968. *A Lavoura Canavieira em São Paulo. Expansão e Declínio (1765-1851)*. São Paulo: DIFEL.
- PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB.
- QUEIROZ, C. M. 2006. *Chácara Xavier, um estudo de caso em arqueologia histórica*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- SCHIAVETTO, S.N.O. 2007. *Arqueologia Regional e Educação: Propostas de Estudos sobre um passado excluído de Araraquara/SP*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- SCHIFFER et al. 1978. The Design of Archaeological Surveys. *World Archaeology, Field Techniques and Research Design*. vol. 10, n. 1: 1-28.
- SLENES, R. W. 1999. *Na Senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- SOUZA, M. L. Z. 2011. Fazenda Ermida: Um Exemplar da Arquitetura do Período do Café em Jundiá São Paulo. Disponível em: <http://patrimoniohistorico.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/Texto-Hist%C3%B3rico-Ermida-maio-de-2011.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2012.
- SULLIVAN et al. 2007. Archaeological Survey Design, Units of Observation, and the Characterization of Regional Variability. *American Antiquity*, v. 72, n. 2: 322-333.
- SYMANSKI, L. C. P. 1998. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: PUCRS.
- SYMANSKI, L. C. P & SOUZA, M. A. T. 2007. O registro arqueológico de grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. *Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)*, n. 33: 215-244.